

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE MEDICINA

MIKAEL ORESTES DE MELO

SENTIR É VITAL

MACEIÓ

2022

MIKAEL ORESTES DE MELO

SENTIR É VITAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a coordenação do curso de
Medicina da Universidade Federal de
Alagoas

Orientador: Débora de Cerqueira Santana

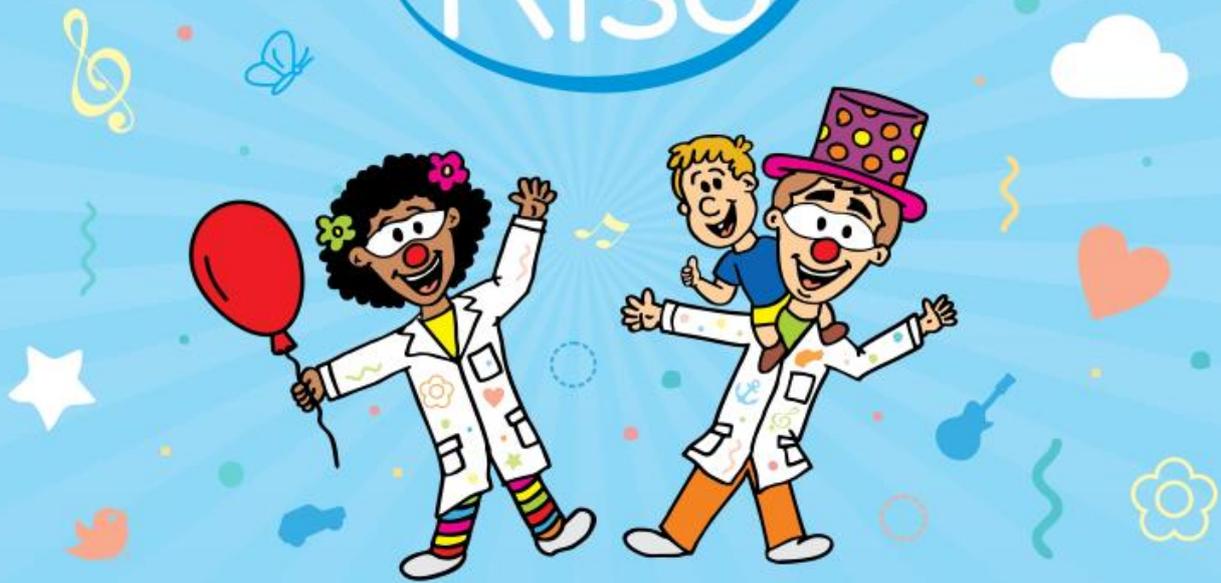
Co-orientador: Maria Rosa da Silva

MACEIÓ

2022

Débora de Cerqueira Santana
Maria Rosa da Silva

Resenha do Riso



Relatos dos palhaços de hospital do Projeto Sorriso de Plantão


EDuneal
Editora da Universidade
Estadual de Alagoas



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS

Reitor: Odilon Máximo de Moraes

Vice-Reitor: Anderson de Almeida Barros

Diretor da Eduneal: Renildo Ribeiro

CONSELHO EDITORIAL DA EDUNEAL

Presidente: Renildo Ribeiro

Titulares

Professores:

José Lidemberg de Sousa Lopes

João Ferreira da Silva Neto

Luciano Henrique Gonçalves da Silva

Natan Messias de Almeida

Maria Francisca Oliveira Santos

Márcia Janaina Lima de Souza - Sistema de Bibliotecas (SIBI)

Suplentes

José Adelson Lopes Peixoto

Edel Guilherme Silva Pontes

Maryny Dyellen Barbosa Alves Brandão

Ariane Loudemila Silva de Albuquerque

Ahiranie Sales dos Santos Manzoni

Elisângela Dias de Carvalho Marques - Sistema de Bibliotecas (SIBI)

Revisão: Alice Virginia Brito Oliveira

Jacinta de Fátima Matos Gomes

Maria José de Brito Araujo

Diogo dos Santos Souza

Projeto gráfico,

capa e diagramação: Samuel Ferreira Alves

Catálogo na Fonte

Universidade Estadual de Alagoas

Sistema de Bibliotecas- SiBi

Biblioteca Ineide Nogueira

Divisão de Tratamento Técnico da Informação

Bibliotecária Responsável: Márcia Janaina Souza

R433 Resenha do riso: relatos dos palhaços de hospital do Projeto Sorriso de Plantão. Débora de Cerqueira Santana; Maria Rosa da Silva (Organizadoras). - Arapiraca: Eduneal, 2021.
123 p.: il. color.
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-86680-28-7
E-book: <https://www.eduneal.com.br/produto/resenha-do-riso>

Plantão.
• Enfermagem - Crianças. 2. Ludoterapia.
3. Ludicidade. I. Santana, Débora de Cerqueira (Org.); Silva, Maria Rosa da (Org.). II. Projeto de Extensão Universitária Sorriso de Plantão.
III. Universidade Federal de Alagoas – UFAL. IV. Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL.

CDU 16-083(81)(813.5)

18 | SENTIR É VITAL

Mikael Orestes de Melo

Para qualquer pessoa, a rotina de uma doença é uma situação de sofrimento que se estende para além da pessoa doente, pois muitas vezes afeta também quem está diretamente ligado ao enfermo, como familiares e cuidadores e, indiretamente, o palhaço doutor que escreve este relato. Para a criança, adoecer, em qualquer grau, é um processo mais árduo em diversos aspectos (físico, psíquico e social), porque a condição da criança hospitalizada muda suas atividades cotidianas de maneira involuntária, forçando-a à adaptação a uma realidade desagradável naquele momento.

A palavra "lúdico" deriva do latim Ludus e tem como significado "alegria e liberdade". Este significado é simples e, ao mesmo tempo, suficiente para descrever o papel do palhaço doutor dentro do hospital. Devido a essa condição de hospitalização, a liberdade da criança fica limitada. Não sei ao certo se podemos chamar de liberdade. A alegria vai depender de alguns fatores, pois, estar em um hospital, com certeza, não é um deles. Mas, é possível que a criança, no íntimo de sua fragilidade, doente, e muitas vezes

restritas ao leito, estejam alegres? SIM! É totalmente possível. Eu vi isso de perto e é sobre uma dessas crianças que eu quero falar, pois perguntas assim também já passaram por minha cabeça.

Quando decidi que iria enfeitar o meu rosto com tinta branca e posicionar o nariz grande e vermelho bem em cima do meu verdadeiro nariz, um dos pensamentos mais constantes, inclusive, uma preocupação, era sobre a forma como eu lidaria com o fato de encontrar crianças aflitas e indispostas a fazer qualquer coisa por estarem doentes. Indaguei-me também como seria desafiador fazer com que estas crianças retomassem a alegria e a liberdade que pertencem a elas, uma vez que o palhaço doutor é uma das ferramentas da ludoterapia. Vamos lá! Já sabemos o que lúdico quer dizer. Seria fácil? Muito provavelmente não. Difícil? Impossível? Era uma dúvida. Porém, uma coisa era certa: que iria fazer a diferença na vida de alguém, bem como na vida deste palhaço doutor aqui.

A ludoterapia é uma técnica que utiliza a brincadeira para minimizar o sofrimento e a ansiedade decorrentes do adoecimento. Ainda, o brincar é uma fase imprescindível na vida de qualquer criança, visto que é a melhor forma que

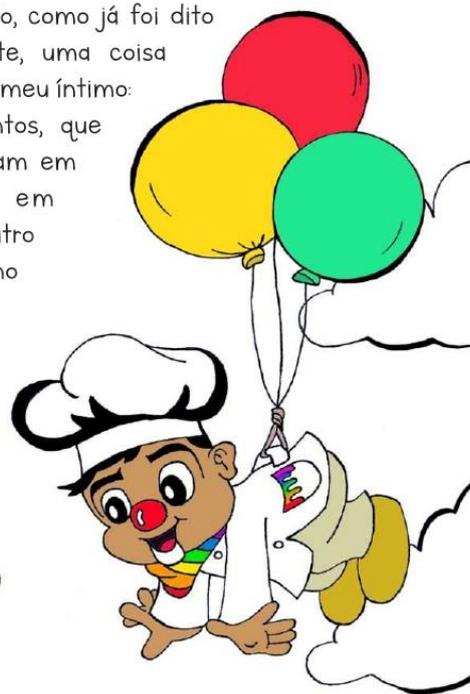
ela tem de se expressar e experimentar o mundo. É por trás disso que está o caráter terapêutico dessa técnica. A criança hospitalizada não pode nem deve ser privada das brincadeiras. Logo, vale destacar que a ludoterapia possui a tática para garantir esse processo de forma adaptada à realidade de cada criança.

Quando comecei esse trabalho voluntário extraordinário, não imaginei que seria uma prova tão grande para o meu lado psicológico. Essa tarefa, de início, foi capaz de mexer profundamente com os meus sentimentos mais particulares. Por traz da figura do palhaço doutor, há um ser humano que traz as suas alegrias, amores, angústias, frustrações, saudades, e outros desses "recheios" do coração. Sim, nossos sentimentos estão conosco o tempo inteiro. Não é possível guardá-los em um potinho ou deixá-los em casa quando nos for conveniente. Isso nem seria saudável, dito que somos um ser humano; sentir é vital. Parece óbvio, a princípio, mas não é tão óbvio quanto parece. Há pessoas que esperam que as criaturas que lidam diretamente com as pessoas doentes, como este palhaço doutor que vos escreve, sejam isentas de sentimentos, que devem ser neutras para não interferir demais na situação do outro. Devemos ajudar e sair. Todavia, não é assim que acontece, e não foi assim que aconteceu.

No primeiro dia que dei outro colorido à minha pele e coloquei aquele enorme nariz vermelho, nasceu outra versão de mim, com outra história, outra trajetória de vida, formações diferentes e planos diferentes (uma verdadeira personagem).

Surgiram outros desenhos na face, olhos mais chamativos, sobrancelhas notavelmente mais grossas e compridas, até a boca enfeitada. A roupa toda colorida era um cartaz anunciando a mágica que havia chegado. Além disso, eu trazia a alegria e uma caixa de brinquedos e brincadeiras.

Contudo, como já foi dito anteriormente, uma coisa ainda era do meu íntimo: os sentimentos, que não se deixam em casa nem em qualquer outro lugar, e sim no coração.



Foi nesse mesmo dia, o primeiro, que me deparei com uma criança na enfermaria pediátrica do hospital, internada, como todas as outras que estavam lá. Eu, não o eu palhaço, mas o ser humano por trás dele, já estava longe da família há alguns meses. Como não pude deixar a saudade em casa, ela foi junta para esse encontro do palhaço com aquela criaturinha meiga. A criança fez-me lembrar uma pessoa muito querida da qual eu tinha um bocado de saudade e, por isso, vê-la no hospital pela primeira vez foi um momento encantador. Ela tinha um sorriso muito cativante, uma energia maravilhosa que chegava a irradiar, e um alto astral que dificilmente se vê por aí.

Neste momento, repentinamente, descobri que o hospital não é só lugar de gente triste e indisposta, pois eu estava ali vivendo para testemunhar um sorriso doce de uma criança com uma energia fabulosa que se sentia na alma, sem exageros! Para o palhaço doutor, esse momento lindo e aparentemente simples foi de um aprendizado extremamente importante: aquele espaço, o hospital, é um espaço democrático, tem lugar para todo tipo de sentimento. Então, que a alegria, a felicidade, o amor, a empatia e a compaixão sejam presentes e prevaleçam.

Nas semanas seguintes, o encontro com algumas crianças repetiu-se. Pela condição de

saúde mais frágil em que se encontravam, elas precisaram permanecer ali por mais tempo, inclusive, aquela criança em especial, aquela que me fez lembrar a pessoa querida da qual eu sentia falta, e que a partir de agora vamos chamá-la de Estrelinha Alto Astral. Com tanta energia boa, ela iria gostar de ser chamada assim.

Depois de algum tempo fazendo parte dessas ações magníficas, pondo em prática a ludoterapia, esse palhaço doutor já tinha visto muita coisa: criança sorrir, gargalhar, chorar, gritar, não querer brincar e também não querer parar de brincar! As tardes com a queridíssima Estrelinha Alto Astral estenderam-se por mais algumas semanas, seguindo esse rito: sorrindo, brincando, cantando e transmitindo boas energias sempre. É claro que a Estrelinha também chorava, não gostava das agulhas pinicando sua pele, ficava cansada. Afinal, quem nunca ficou assim? Mas, felizmente, era assim somente uma pequena parte do tempo, pois, como era o desejado: que a alegria se faça presente e prevaleça. E assim se fez.

Com o tempo, o meu eu de nariz vermelho e cara desenhada já estava por dentro da rotina do hospital, já conhecia boa parte da história de algumas crianças. Para a criança hospitalizada, o ato de brincar facilita a interação com a equipe cuidadora, porque os vínculos formados são fortalecidos e a confiança da criança com a equipe melhora substancialmente, permitindo

que os procedimentos incômodos e, por vezes, dolorosos, que fazem parte da rotina hospitalar, sejam menos angustiantes e temíveis. Essas assertivas advêm de estudos que exploram os benefícios da ludoterapia como ferramenta na assistência à saúde no Brasil.

Em um dia bastante especial, o Dia das Crianças, preparamos uma festa belíssima para todos os pequenos que estavam naquele hospital, e nossa Estrelinha Alto Astral encontrava-se internada lá mais uma vez. Aquela criança era, definitivamente, sinônimo de felicidade. Eu gostava muito de vê-la sorrir e fazer outras crianças sorrirem juntas. Torcia muito para que ela melhorasse e passasse mais tempo em casa, na escola, com os amigos, e menos tempo naqueles quartos. Porém, cada vez que esse encontro repetia-se, mais e mais eu aprendia que hospital também é lugar para deixar alegria extravasar. Aprendi que aquilo que temos de melhor deve ser levado para qualquer lugar, deixar aflorar e jamais esconder. Precisamos sentir e permitir que os que estão ao nosso redor também sintam, pois já sabemos que sentir é vital! As horas daquele dia mágico se passaram e precisei dar tchau para aquela criança tão doce e, ao passar pela frente do quarto onde ela estava, vi-a sentada no leito, com as pernas cruzadas, acenando para mim um gesto de até logo.

Por alguns motivos que não convém descrever aqui, precisei ausentar-me da ação na semana seguinte ao Dia das Crianças. Não tive



contato com os pequenos depois daquele dia, mas soube que nossa Estrelinha tinha ido para sua casa finalmente. Eu iria sentir saudades com certeza, uma vez que me sentia feliz por saber que ela tinha melhorado e o nosso trabalho tinha a sua parcela de sucesso naquela recuperação.

Cerca de um mês depois daquela festa encantadora, vivi um dos momentos mais tristes da minha vida. Em uma tarde que passava comum como a maioria dos dias, recebi a lamentável notícia de que nossa queridíssima Estrelinha Alto Astral tinha nos deixado aqui na Terra, ganhado asinhas, transformando-se num anjinho lindo no céu. Aquela notícia me deixou totalmente desconceituado. Naquele instante, repassei todos os momentos que estive com aquela criança inspiradora, alegre, e várias tentativas falhas de encontrar motivos pelos quais ela, tão energética, havia nos deixado. Notei-me tão abalado e comecei a questionar se seria capaz de estar diante desse projeto mais vezes a partir dali.

Alma minha gentil, que te partiste

Tão cedo desta vida, descontente,

Repousa lá no Céu eternamente

E viva eu cá na terra sempre triste.

(CAMÕES, 1595, soneto XIII)

Foram dias difíceis sem conseguir aceitar a partida daquela pessoa maravilhosa. Depois do acontecido, aflorou em mim um sentimento que não me intimidava fazia um bom tempo, o medo. Comecei enxergar a vida como um evento breve e incerto, como as pessoas podem estar ao nosso lado em uma semana e na outra não estar se quer neste plano espiritual. Comecei a temer e lamentar profundamente a doença de cada pessoa que encontrei pela frente, pois o medo de que a pessoa deixasse essa vida de maneira inesperada, como deixou a Estrelinha Alto Astral, era constante e descomunal.

Por muito tempo amarguei essa sensação de medo, sentia-me triste como nunca antes, e temia que essa tristeza se arrastasse por muito tempo a ponto de me fazer desistir de dar continuidade ao trabalho que eu havia fazendo

com aquelas crianças. "Basta uma pessoa faltando no mundo para que o mundo inteiro fique vazio para você". (ARIÈS, 1982, p23).

O processo de luto mobiliza esforços para superar a perda de alguém muito querido, ressignificar a vida e reorganizar o mundo diante da falta dessa pessoa. Foi a partir disso que reergui as minhas forças. Meu palhaço doutor já tinha aprendido muita coisa com aquela criança que agora era, literalmente, uma estrela no céu. Ela me ensinou que o hospital possui espaço para alegria. Ensinou-me, ainda, que sorriso é contagiante e que jamais devemos poupar a oportunidade de espalhar felicidade. Consegui perceber que ela não tinha levado de forma alguma minha fonte de alegria, muito pelo contrário: uma fonte de alegria foi plantada, de inspiração e de forças para continuar lutando pelas pessoas. Esse trabalho magnífico continuará sendo importante para outras crianças, assim como foi para ela.

Ainda, aprendi o que é resiliência. Aquela criança sabia de toda sua condição de saúde, sabia que tinha nascido com a condição de viver no mundo por um período mais breve do que gostaríamos, e mesmo assim essa criança fez valer cada segundo que passou aqui conosco. Parece que veio com uma linda e majestosa missão: colocar uma porção de energias positivas



na vida de quem a encontrou pelo caminho. Hoje, tenho certeza de que a missão foi cumprida com sucesso.

A parte da energia que recebi dela, obtive ajuda para lidar com a falta das pessoas e das coisas. Comecei a empregar melhor a compaixão por aqueles que estão diante de mim, entendendo que eu posso me compadecer pelo outro, mas de forma alguma me deixar abater. Essa energia flui dentro de mim e é ela que fornece estrutura para poder ajudar quem precisa de apoio. Aprendi ainda que não importa quantos dias nos são dados aqui neste mundo: somos capazes de fazer transformações imensuráveis na vida das pessoas. Posso dizer que existiu uma versão minha antes e depois de conhecer a Estrelinha Alto Astral. Depois de conhecê-la, tudo ficou mais bonito.

Hoje, já me encontro em paz com a sua partida. A saudade é o que ficou de bom das horas que gastamos juntos. A tristeza cedeu lugar à esperança de fazer a ansiedade de cada criança hospitalizada esvair-se por meio deste trabalho voluntário. Nunca esquecerei de seu olhar de surpresa no dia daquela festa linda que preparamos. É com o mesmo olhar de entusiasmo que encaro, agora, as questões da minha vida pessoal. Aquela criança é a minha inspiração até o presente momento e assim será para todos os dias que ainda estão por vir. E se hoje me perguntarem se é possível alguém, no íntimo de

sua fragilidade ser feliz, irei afirmar com certeza: absolutamente sim, não só de ser feliz em si, como também de transbordar felicidade sem pedir nada em troca. É possível! Eu vi de perto e está documentado neste relato.

**O tempo passa e deixa marcas.
Faz parte de nossas vidas sem ocupar
espaço e deixa um grande vazio quando leva
alguém consigo. Mas é sobretudo generoso,
pois um dia leva também a nossa dor.**

(Autor Desconhecido)

REFERÊNCIAS

ALENCAR MOTA, Hyago Viana; DOS SANTOS JÚNIOR, Claudio José; DA SILVA, Maria Rosa. Intervenção À Criança Hospitalizada e Ludoterapia: Revisão Integrativa. Rev. Port. Saúde e Sociedade. 2019.

Pinto MB, Andrade LDF, Medeiros APG, Santos GLO, Queiroz R, Jales RD. Atividade lúdica e sua importância na hospitalização infantil: uma revisão integrativa. Três Corações: Rev Universidade Vale do Rio Verde. 2015.

Santos SS, Alves ABS, Oliveira JC, Gomes A, Maia LFS. A ludoterapia como ferramenta na assistência humanizada de enfermagem. São Paulo: Revista Recien. 2017.

AZEVEDO, Ana Karina Silva; PEREIRA, Sra Maria Aldeci. O luto na clínica psicológica: um olhar fenomenológico. Clínica & Cultura, v. 2, n. 2, p. 54-67, 2014.

ARIÉS, P. O homem diante da morte vol. 2. Rio de Janeiro: Francisco Alves (1982).

Aguiar e Silva, Vítor Manuel de (ed) & Camões, Luís de. Rimas, Volume 1598, Parte I. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1953, reimpressão 1980, pp. lvii-lxvii.